



# FACES MOEDA

16 junho  
~ 16 outubro  
~ 2011

SALA DO CAPÍTULO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO

## ficsha técnica

|   |  |
|---|--|
| edição                                  | Presidência do Governo Regional dos Açores<br>Direcção Regional da Cultura<br>Museu de Angra do Heroísmo/2011  |
| coordenação                             | Helena Ormonde   |
| realização                              | Francisco R. Maduro-Dias   |
| montagem                                | Augusto Vilaça, Carmelo Amarante, Denatilde Silva,<br>Eleutério Pimentel, Iria Lima, José Gabriel Romeiro,<br>Jorge Oliveira, Luís Borges, Maria José Costa,<br>Norberto Bettencourt, Susana Oliveira, Vítor Castelo |
| dinamização e<br>actividades educativas | Ana Lúcia Almeida  |
| textos                                  | Helena Ormonde, Paula Quadros, Francisco R. Maduro-Dias  |
| revisão de textos                       | Ana Lúcia Almeida  |
| fotografia                              | António Araújo, Paulo Lobão  |
| ilustração                              | António Araújo   |
| design e<br>execução gráfica            | Bizex Projectos  |
| ISBN                                    | 978-989-95493-8-9  |
| deposição legal                         | 320565/11  |



# FACES MOEDA

exposição

16 junho  
~ 16 outubro  
~ 2011

SALA DO CAPÍTULO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



157  
Sejam todas as Madeiras que se cortarem, e cortarem,  
das Fazendas dos Rebeles, avaliadas, e que fica  
cargo do Cap. Agapito Pamplona.

Faca-se tenha para o rancho dos corpos da Ma  
Squadrada ao Dea Fructuoso Joze Ribeiro.

Passa Portaria para os emolumentos das Secret.

Passa a Junta da Fazenda, titulos de divida  
publica, com vencimento de juros os interessados  
da prata destinada para o Cunho. Sendo esta  
avaliada.

1.º Sr. Torres indicando o seguinte:

minha indicaçao trata de alampadas  
e mais algumas pessoas em iguaes cir-

FACES  
INCUBIDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

BRASÃO CAPITULO  
MUSEU DE ARMAS DO HERÓSMO

02 \* 03

As faces da moeda antiga tornaram-se o tema central de mais um projecto expositivo que este Museu leva a cabo, procurando, neste caso, fechar um ciclo que se iniciou com a aquisição duma colecção de numismática essencial para o património cultural da Região, em 2010.

O valor material e simbólico adquirido e selectivamente exposto pode ser expresso em números - 1106 espécies -, mas, acima de tudo, em elementos representativos e evocativos das dinâmicas e das problemáticas da vida material e económica dos Açores, que vão desde o séc. XVI até ao séc. XIX, ou seja, desde o tempo em que D. António por cá andou a lutar por um direito sucessório e pela independência do reino de Portugal e Algarves, até D. Pedro voltar a agitar a vida destas ilhas.

É, também, a ideia da moeda antiga como expressão material de uma das maiores invenções humanas - o dinheiro - que, sendo como diz Paula Quadros, autora da reflexão em que igualmente se sustenta a exposição, pura abstracção que se vai progressivamente desmaterializando, que nos leva a promover a realização de um projecto que escolhe como tema central um dos objectos museológicos mais difíceis de mostrar.

Este desafio museológico é acentuado pela importância de um tema que nos remete para aquela matéria de que se fazem as sociedades e as suas instituições, incluindo os próprios museus, que é o contrato social, a crença ou o poder simbólico, se preferirmos. Trata-se, pois, do nível fundador das sociedades e das culturas, que o filósofo do estruturalismo, Claude Lévi-Strauss, apodado no magistral *Ensaio sobre a Dídita* de Marcel Mauss (1950), aprofunda como sistemas

de troca baseados em leis de reciprocidade, sistemas de troca de palavras, de mulheres e de coisas que constituem as estruturas elementares das sociedades ou das culturas - isto é, a linguagem, o parentesco e a economia. Ora o dinheiro não é senão o motor dos sistemas de trocas complexos em que vivemos hoje. Estes sistemas podem ser cada vez mais unificados e mais globais e os seus mecanismos cada vez mais virtuais, mas não deixarão por isso de ser menos simbólicos, menos reais e menos poderosos. De outra forma, jamais conseguiriam mover gentes e nações inteiras, unir continentes e perdurar séculos.

Com efeito, o dinheiro, tal como o património, insere-se no domínio do simbólico, ou melhor, das materializações e das representações que tornam presentes realidades distantes no tempo e no espaço, cuja evocação é essencial para a existência das comunidades, quer sejam elas económicas, sociais ou culturais. Isto não significa, porém, que um e outro não obedeçam a racionalidades próprias do conhecimento científico. Face a uma colecção desta grandeza, estaremos sempre perante um acervo de conhecimentos racionalmente constituídos, de valores simbólicos e compromissos social e culturalmente assumidos, quer se trate da busca do eterno, da iluminação do conhecimento, do prazer da contemplação ou do conforto da pertença familiar.

É, pois, com base na ideia de procura constante das aparentes contradições do mundo em que vivemos e do contributo para a reflexão em torno destas, que este Museu se envolve na apresentação de um conjunto notável da Colecção de Numismática, porque excepcionalmente representativo do património desta Região.

Na minha indicação trato de alampadas,  
Casticões, e mais algumas peças em iguaes cir-  
cumstancias, que são dispensaveis ao culto Divi-  
no, e vem a sêr.

1.<sup>o</sup> A prata da S<sup>ã</sup>, Collegio, Capuchas e algumas  
da Praja, e da Real Fazenda; e por tanto devem  
sêr contadas todas as peças, que se acham marcadas  
na rubrica, que entreguei, e se acha sobre a mixa.

2.<sup>o</sup> Que os casticões, e Toucheiros de prata da S<sup>ã</sup>,  
sijam substituidos por outros de prã dourados.

3.<sup>o</sup> Que se entreguem à S<sup>ã</sup>, os vasos Sagrados, e  
as Reliquias dos Santos, como coroas, resplandores.

4.<sup>o</sup> Que o resto da prata, que não está mencio-  
na na rubrica, e que he igual à de que

## FACES MOEDA

"...n'outra gaveta encontrei cerca de trinta e seis libras esterlinas, algumas moedas europeias, algumas brasileiras, algumas peças de oito, algum ouro e alguma prata.

Somri ao ver todo aquele dinheiro.

– Oh, vil metal! – disse, em voz alta. Qual a vossa utilidade? Para mim não tendes qualquer valor, nem merecis o trabalho de vos levar para terra; uma destas facas vale mais do que todas essas moedas; não tenho qualquer uso para vós; senão melhor mantendas-vos onde estais e irdes ao fundo, como uma criatura que não merece ser salva.

No entanto, depois de pensar melhor, levei-o comigo. ..."

Daniel Defoe, *As aventuras do Robinson Crusoe*

Na demanda das faces da moeda stigamos a palavra, essa mesma que, ao contrário do lugar comum usado para engano de incautos e proveito de demagogos, vale mais que mil imagens, porque as sabe suscitar, transformar, reviver, apagar. Moeda, do latim *moneta*, epíteto atribuído a Juno, e porque de Juno Moneta, a Avisadora, se chamava o templo, no alto do monte Capitólio, onde os romanos a cunhavam. Nome divino para utilitária criação humana destinada a mediar e agilizar as trocas de bens concretos, mas cujas faces, cara e coroa, com as suas refulgências dotradas e prateadas, logo se revelaram ideais para representação e afirmação do poder político.

Moeda, nome a que os cultores da Ciência Económica muitos séculos depois, com a sua vocação para construir modelos mentais a partir de relações sociais, deram outra face, tornando-a sinónimo daquilo que, no dia-a-dia, mais desembaraçadamente, por dinheiro denominamos. E no rasto do tempo traçaram a sua história, ao longo de uma linha progressiva de desmaterialização e perda de valor intrínseco, que, começando na moeda-mercadoria, como os cauris ou o sal, e passando pela moeda metálica, as moedas em papel, fiduciária ou não, o papel-moeda, desemboca na moeda bancária e na sua actual versão electrónica. Mas necessitaram de tempo, muito tempo, para construir uma completa formulação teórica que enquadrasse substância tão paradoxal e só no início do século XX, com Irving Fisher, verdadeiramente o conseguiram.

Paradoxal, porque, representando a moeda valor económico, sendo utilizada como intermediária das trocas, para as quais é um meio de pagamento de aceitação generalizada, servindo também como

unidade de medida de valor e sendo um modo de reservar valor para o futuro, não tem em si – principalmente na sua actual forma de infinitas linhas de numeração binária e de uma desmaterialização quase integral, que se afigura como ideal para a sua maior estabilização – qualquer valor económico, ou dito de outro modo, não vale nada. O valor económico advém da utilidade que os bens têm directa ou indirectamente, através da produção de outros bens, para a satisfação das necessidades das pessoas. Ora a moeda, como o nosso engenhoso e esforçado Robinson Crusoe bem sabia, ao contrário de uma faca, não satisfaz directamente qualquer necessidade humana nem entra na produção de qualquer bem e, não tendo qualquer valor económico, é apenas um símbolo, um símbolo de valor, cuja aceitação generalizada é assegurada pelo Estado e pela confiança dos cidadãos.

Mais, é um símbolo prenhe de problemas já que, se por um lado qualquer valor económico tem uma coloração psicológica e subjectiva, que apenas se transforma em quantidade pela interacção de duas vontades, que neste processo deixam por revelar laços e sentimentos que não são passíveis de serem quantificados, por outro, e apesar da sua vocação redutoramente quantificadora, a moeda não tem a objectividade que tendemos a atribuir-lhe e não só muda de valor com o tempo, como, em cada momento, ele é medido de vários modos. Assim, o nível geral de preços mostra a relação da moeda com as coisas e a sua evolução no tempo traduz-se em inflação ou deflação, consoante a moeda perde ou ganha valor relativamente aos bens; por seu turno, a taxa de câmbio mede uma moeda relativamente às outras com as quais pode ser trocada; por fim, a taxa de juro incorpora o tempo, com o risco que lhe está associado, na moeda e permite medi-la no futuro relativamente ao presente ou no presente relativamente ao futuro.

Mas se com o alargamento semântico introduzido pela Economia se ofuscou um pouco a beleza e o cosmopolitismo desses discos com dupla face, outrora com valor intrínseco, que atrapalhava a sua função económica e correspondia ao metal de que eram feitos, e hoje reduzidos a servirem de moeda de trocos, com a maior compreensão do dinheiro como realidade virtual, puro produto da nossa imaginação e artigo de fé, adensou-se o mistério que sempre o

rodeou e que frequentemente se exprime por visões duplas que, à semelhança das faces opostas de uma moeda ou das caras de Jano, que terta prestidido à sua criação, sempre nos permitem olhar em duas direcções.

Do dinheiro diz Savater, um jucundo pensador dos nossos dias, que partilha com o sexo e a inteligência da fortuna de ser simultaneamente das criações culturais mais desejadas e mais vituperadas, já que «os homens não se cansam de o desejar nem os moralistas de o injuriar». Atracção que nascerá do facto de serem três áreas necessariamente sociais, que não têm sentido nem existem sem a presença do outro, onde se instruem infinitos jogos de persuasão, sedução, poder, transgressão e onde se pressentem possibilidades para ultrapassar os limites. Repulsa que advirá da consciência do carácter excessivo e subversivo da intensidade do desejo que provocam e que ofusca o temeroso puritano que medra nas águas remansosas das rotinas quotidianas. No que respeita ao dinheiro, esta antipatia atingiu o seu acme com a censura da usura, essa forma de, acrescentando acção, tempo e espaço à moeda, a transformar de simples intermediário das trocas em objecto de compra e venda que aumenta a produção, cria riqueza e se auto-alimenta, e fez que durante muito tempo a actividade financeira fosse remetida ao meteco, ao estrangeiro, ao excluído da sociedade, ao arménio, ao judeu. Esta reprovação dos usos financeiros da moeda, que se manteve como uma constante no pensamento laico e religioso, desde a mais remota antiguidade, e que foi desaparecendo gradualmente da Europa protestante com a influência dos seus pensadores iluministas, como Francis Bacon, que, em 1612, publicou o seu tratado sobre a usura, ou David Hume, que analisou com elegância as causas e consequências das taxas de juro, ou ainda com Jeremy Bentham, que, em 1787, escreveu o seu **Em Defesa da Usura**, parece permanecer latente até hoje no subconsciente colectivo dos países de matriz católica e naquelas pessoas em quem o pensamento de Marx, que ligou a crítica do capitalismo à tradicional estigmatização da usura, deixou a sua marca, traduzindo-se em cíclicas irrupções de ódio e zanga aos bancos e aos capitalistas e na afirmação recorrente e escandalizada de que o dinheiro é o Deus do nosso tempo. Queixume este que é utilizado hoje como já o era há 100 anos, quando Georg Stimmel, o mais fecundo

filósofo do dinheiro, nos explicou as relações psicológicas que se podem encontrar nos conceitos, aparentemente irreconciliáveis, de Deus e de dinheiro. Começou por afirmar o homem como ser que estabelece fins e por defender que a diferença entre a condição primitiva e a condição civilizada é dada pelo número de elementos que medetam entre a acção imediata e o seu objectivo final, sendo um traço do espírito humano que simples meios para um objectivo, se estiverem bastante tempo expostos à consciência ou se o fim a alcançar for remoto, acabem por transformar-se eles próprios em metas e autonomizar-se. A este fenómeno teria que estar forçosamente sujeito o dinheiro que é necessário para atingir uma diversidade enorme de fins que facilmente são obnubilados pela força do que lhes é comum: o meio para a sua realização. Mas, sendo toda a atribuição de valor apenas um facto psicológico, já que cada bem tem apenas o valor que lhe é atribuído por uma consciência, o dinheiro transformado em puro fim pela convergência de tantos objectivos não pode ter qualidades próprias e transforma-se em pura abstracção e daí a afirmação de que «*Tal como Deus na forma da fé, também o dinheiro, na forma do concreto, é a máxima abstracção a que se alçou a razão prática*». E se o carácter unitário de Deus permite a convicção que nele todas as contradições e desarranjos da vida encontram conciliação, donde emergem sentimentos de paz e segurança, também a posse do dinheiro, equivalente universal de todos os valores, em contraste com todas as outras formas de propriedade, garante uma forma de certeza e confiança que consente, a quem não tem a tida de Deus, uma tranquilidade psicológica muito semelhante à que esta dá.

Estranha e triste tranquilidade, baseada em certeza e confiança assente nos pés nem sequer de barro de entidade tão fluida e movediça que, num mundo virtual e fugaz como o actual, já não consente a sagesa de conservar numa ilha deserta, durante vinte e oito anos, dois meses e dezanove dias, uma gaveta de moedas oxidadas para que, depois de bem estregadas e limpas, possam regressar ao comércio entre os homens e aí recuperarem a sua antiga função.

FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

SALA DO CAPITULADO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



## FACES MOEDA NOS AÇORES

### 1.

Os Açores são uma região insular e aberta, localizada em pleno espaço Atlântico Norte.

Por via dessa circunstância, as dinâmicas humanas que, pelo menos desde o século XV, levaram à ocupação e uso, cada vez mais intenso, deste oceano – até então considerado mar exterior pelos povos do arco mediterrâneo –, deram origem a muitos e variados acontecimentos que envolveram estas ilhas, umas vezes apenas de raspão outras quase como protagonistas.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento tecnológico e artístico na execução dos metos metálicos de pagamento, usados pela humanidade nas transacções de maior monta e distância sofre, também a partir dessa época, uma aceleração evidente, acabando por verificar-se uma “parceria” curiosa entre os tipos de moeda produzidos e disponíveis e os exemplares que se sabe terem sido fabricados em Angra ou passado pelos Açores, revelando um universo muito amplo e variado.

A moeda metálica foi entendida, até ao século XX, como transportando, no seu próprio peso em metal precioso, o valor factual que indicava, garantido pelas figuras, insígnias e algarismos nela insculpidos. Assim, bastava confirmar o peso para alguém associar, num único pagamento, moedas de várias origens, sem que isso tornasse especialmente difícil a transacção. A prática nos Açores seguiu a tendência geral.

Em complemento de tudo isto, importa ainda salientar que Angra, nos Açores, foi o único local dos arquipélagos atlânticos do Espaço Português a assistir à produção de moeda metálica por quase todos os principais processos (batida em cunhagem manual, fundida e marcada ou punccionada), num longo percurso que começa logo no século XVI, por razões políticas, com D. António I, o Prior do Crato, regressa, no XIX, na época das Lutas Liberais, igualmente por razões políticas, e vem até finais do século XIX, já então, sobretudo, por razões económicas e de política monetária.

É disso que trata esta exposição sobre as FACES DA MOEDA.

### 2.

Deixando de lado, porque não cabem aqui, as especulações acerca da eventual descoberta de moedas, nos Açores, anteriores à colonização, temos que, numa primeira fase, correspondente aos séculos XV e XVI, a moeda metálica disponível foi a do Reino, surgindo, a pouco e pouco e em menor quantidade, a de Castela e Espanha, à medida que os espaços coloniais de Portugal e Espanha se estruturam e organizam e o fluxo de metais preciosos, essencialmente de África e América, se torna evidente e poderoso.

Cobre, prata e ouro amoedados, provenientes dos espaços de influência dos reinos ibéricos, cruzam-se livremente nas ilhas, nesse tempo.

Disso é amostra o que nos chegou, carimbado com o “açor” de D. António I, quando acontece em Angra a primeira época de produção local de moeda (batida em cunhagem manual), organizada pelo pretendente ao trono, numa casa da moeda que funcionou entre 1582 e 1583.

Nesse período, são conhecidos dois “lavramentos” de moeda nova, seguindo os modelos e valores habituais em Portugal, mas com portmores como a “espada de Santiago” e a cruz latina, de braços desiguais, organizada em “calvário”.

Ao mesmo tempo, assiste-se ao carimbar de toda a moeda circulante nos Açores, seja de reinados portugueses anteriores, seja alguma estrangeira, espanhola e francesa, que cá andaria no momento da tomada de decisão de marcar. Toda ela receberá o punção com o característico açor, aplicado segundo regras só conhecidas dos encarregados da operação.

Percebe-se por aí, de modo mais palpável que através de qualquer documento escrito, a variedade dos numismas então em uso no Arquipélago.

### 3.

O posicionamento geográfico, as frotas que aqui passavam no retorno à Europa e a integração no vasto mundo hispânico ilíptico marcaram, profundamente, a fase seguinte, que inclui os séculos XVII, XVIII e a primeira parte do XIX.

Prata abundante, fortes laços comerciais, integração efectiva num dinâmico espaço de trocas levam a que todo esse tempo seja povoado, nos Açores, por muita moeda de prata, principalmente oriunda das colónias espanholas. São os famosos “duros”, Reales de a ocho” ou “pesos fuertes”, por vezes em blocos aparentemente mal cortados, mas de sólida prata de Cuzco ou de outras paragens sul americanas; são, sobretudo, as “colunárias” com belas colunas torsas e bustos gravados em perfeito gosto barroco. A prata que aqui circulava era a mesma que corsários e piratas cobriavam, de que se conhecem abundantes relatos.

Embora apareça numária portuguesa e sejam feitos esforços oficiais para introduzir, nas ilhas, a moeda do reino, nomeadamente em 1751, com a “Pecunia Insulana” de D. José I, o certo é que o jorrar do enorme rio de prata americana afoga todos os esforços, à mistura com moeda de cobre inicialmente destinada a Angola e Brasil e que por aqui também aparece. O outro do Brasil passa de igual modo, mas segue adiante na sua quase totalidade.

#### 4.

A independência progressiva dos territórios americanos, a começar pelos Estados Unidos, em 1776, levará à modificação profunda de todo o quadro antes descrito. Por um lado, as colunárias e “reales de a ocho” serão os primeiros dólares dos EUA. Por outro, a chegada da corte portuguesa ao Brasil dará origem aos interessantes 960 reis, batidos sobre as colunárias, de que se entrevêem às vezes pormenores. Assim, as moedas dos novos países independentes aparecem em circulação, seguindo os mesmos e já antigos caminhos e terá começar a ouvir-se falar de águias americanas e patacas brasileiras ou mexicanas.

Nos Açores, a par dessas modificações no Novo Mundo, a ilha Terceira será colocada sob a bandeira e causa de D. Maria II, em 1828, servindo de base de operações à causa liberal. A escassez de moeda e o cerco imposto pela armada de D. Miguel I, senhor de todo o resto do reino, com a colaboração de navios ingleses, durante os finais da década de 1820, leva os resistentes a decidirem a fundição de uma moeda de oitenta reis, realizada numa casa da moeda, instalada na fortaleza de S. João Baptista. O desenho dessa espécie numismática afasta-se da habitual numária portuguesa e é muito semelhante aos 80 reis do recém-independente Império do Brasil.

Outras moedas surgirão, na época, para valores de 40 e 50 reis, porém, serão estes 80 reis, designados “malucos”, a ficar na História, como único caso de

moeda fundida nos Açores e dos raríssimos casos em Portugal.

O bronze dos sinos, a prata considerada desnecessária nas Igrejas, tudo foi junto, derretido e transformado numa moeda estranha, de que não há duas iguais, mas a primeira a proclamar D. Maria II como rainha.

Falsificações e fabrico pouco controlado tornaram-se comuns, salientando-se aqui o caso de alguém que mandou fazer em Birmingham moedas muito boas e com serrilha (distinguem-se, por exemplo, pelo formato marcadamente oval do escudo), o que obrigou, à chegada, a um trabalho oculto para limar as “perfeições” exageradas, de tal modo é rústica a moeda local.

#### 5.

Em inícios de oitocentos, a moeda em circulação nos Açores era variadíssima, continuando não nacional na quase totalidade.

O estado de coisas degrada-se de tal modo, durante o século XIX, que se assiste a relatórios pormenorizados e esforços concertados, no sentido de terminar com essa situação e de combater as muitas falsificações e introduções clandestinas, sobretudo do Brasil e América.

A bibliografia sobre o tema e as colecções de diplomas legais arquivam as datas e as orientações políticas, determinando que toda a moeda, ou só a de prata, em circulação nas ilhas fosse carimbada.

Temos o carimbo “coroa”, em 1871, e o carimbo “GP coroadado” (*Governo Português*), em 1887. Ambas as situações destinam-se a determinar valor, autorizar circulação, contabilizar, enfim, o universo espantoso de moedas variadas, que aqui circulava livremente, deixando apenas lugar à pouca amoedação portuguesa de cobre feita, entretanto, para os Açores.

Se, no tempo do Prior do Crato, em finais do séc. XVI, já se encontram por aqui moedas das mais desvalorizadas partes do Mundo, esta marcação com “coroa” e “GP coroadado”, ao longo do séc. XIX, mais do que o testemunho das dificuldades de gestão de tesouraria, tornou-se no mais interessante documento que se podia desejar ter diante dos olhos.

Deixando de lado, por instantes, as leis e os documentos, veja-se - e leia-se - assim, nesta exposição, a variedade, vastidão e complexidade de relações, percursos e vizinhanças de que a vida nos Açores tem sido construída, desde o povoamento.

FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

SALA DO CAPITULADO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



FACES  
MOEDA

# BATIDA

[COPENHAGEN MANUAL]



# BATIDA

(CUNHAGEM MANUAL)



**Contador (Vargueño)**  
Séc. XVII, Espanha  
A 50 x C 100 x L 40 cm  
MAH R1996320

Madeiras de nogueira e castanho. Peças e travessas em ferro forjado, com 12 gavetas, simulando 18. Tampo biselado. Decoração geométrica com entalhes em marfim.

Moeda obtida por método manual, em que o operador coloca um disco metálico sobre uma base, onde estão esculpidas as figurações de uma face da futura moeda e, segurando o cunho onde estão esculpidas as da outra face, bate nele com um martelo ou malho, de modo a marcar o disco, criando a moeda. O método exigia grande perícia, originando grande irregularidade nos resultados.

O processo manual foi substituído pelo mecânico, no reinado de D. Pedro II, em 1677, mantendo-se apenas em ocasiões de carimbo de moedas.



01.



02.

01. 1 Real  
Cobre batido  
1682, Portugal (Angra)  
D 3 cm, 6 g  
MAH 20101298

02. 1 Real  
Cobre batido  
1682, Portugal (Angra)  
D 3 cm, 6 g  
MAH 20101307

FACES  
DIFERENTES

16 junho  
16 outubro  
~ 2011 ~

MUSEU DE ARTE E HISTÓRIA

03. **4 Reais**  
Cobre batido  
1882, Portugal (Angra)  
D 2,9 cm, 6 g  
MAH 20101331

04. **50 Reis**  
Cobre batido  
1833, Portugal  
D 3,6 cm, 30 g  
MAH 20101351

05. **20 Reis**  
Cobre batido  
1833, Portugal  
D 3,1 cm, 12 g  
MAH 20101361

06. **8 Reales**  
Prata batida  
1691, Bolívia colonial  
A 3,6 x C 3,8 cm, 27 g  
MAH 20101684

07. **2 Reales**  
Prata batida  
1627, Espanha  
D 2,6 cm, 6 g  
MAH 20101719

08. **2 Reales**  
Prata batida  
1680, Bolívia colonial  
A 2,5 x C 2,3 cm, 5 g  
MAH 20101721



09. **8 Maravedis**  
Cobre batido  
1605, Espanha  
D 2,7 cm, 5 g  
MAH 20101734

10. **Maravedi proto**  
Bolhão batido  
Séc. XIV, Espanha  
D 1,7 cm, 0,5 g  
MAH 20101742

Depois mandou Dom António a Manuel da Silva, que, pela conta antiga, chegou à Terceira a cinco de Março de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, com todos os seus poderes e comissão pera na cidade de Angra, como cabeça que é das mais ilhas, mandar fazer casa de bater moeda, que logo fez, pera o qual buscou homens ourives e de outros ofícios que tinham bom engenho e habilidade, os quais fizeram cunhos e cruzeiros pera bater a dita moeda de ouro e prata e cobre, como eram moedas de ouro, que corriam a mil reis, e outras de quinhentos reis, e de prata, que corria a quatrocentos reis, e tostões e meios tostões, vintéis (sic) e meios vintéis, e patações de cobre a dez reis, assi os antigos como os que se faziam, e toda a mais moeda de cobre pequena que dantes corria, uma e outra com as marcas antigas de Portugal; e da banda das quinas tinha dois açores, com os pés fincados no escudo, como que o tinham na mão (sic), com umas letras à roda, que diziam o nome do dito Dom António, e da banda das cruzeiros as letras antigas ordinárias, que dantes se costumavam,

E se fez uma casa muito suficiente pera isso, em que trabalhavam catorze ou quinze oficiais, com seu juiz de balança, escrivão e tesoureiro, ao modo do reino e cidade de Lisboa, na qual se batia a dita moeda de muita prata e ouro, que na terra havia, e de muitas peças feitas, de que muitas pessoas fizeram serviço a Dom António pera esse efeito, e de muita quantidade de reales de prata, que se ajuntaram, com mandado sob pena do caso maior que toda a pessoa que os tivesse os levasse à casa da moeda pera nela se fundirem e lhe seriam pagos de novo dinheiro que aí se fazia, porque nisso ganhava Dom António muita parte. O mestre desta casa era um Gaspar Ribeiro, ourives, natural de Ponte de Lima, com trinta mil reis de renda cada um ano e mercê, que Dom António lhe fez, do cavaleiro fidalgo de sua casa, agora cento e sessenta reis cada dia pera o gasto de sua pessoa; e outros cinco oficiais ourives, que fundiam o ouro e prata, com outros cento e sessenta reis cada dia, e os mais oficiais, que trabalhavam na casa a cem reis por dia, cada um; e todos eram privilegiados e filhados por Dom António ao modo do reino de Portugal.

"Saudades da Terra" - Gaspar Frutuoso. Livro VI. Cap 21"



11.



12.



13.



11. **4 Reales**  
Prata batida  
Séc. XVI, Espanha  
C 3,2 x l. 3,3 cm, 14 g  
MAH 20101760

12. **2 Reales**  
Prata batida  
Séc. XVI, México colonial  
D 2,4 cm, 6 g  
MAH 20101791

13. **4 Soles**  
Prata batida  
1644, Catalunha  
D 2,7 cm, 12 g  
MAH 20101792

14. **Ceutil**  
Cobre batido  
Séc. XV, Portugal  
D 1,9 cm, 1 g  
MAH F201111

15. **3 Reis**  
Cobre batido  
Séc. XVII, Portugal  
D 3,2 cm, 10 g  
MAH F201112

FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

SALA DO CAPITULADO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



16.

17.

16.

**8 Reales**

Cobre batido  
Séc. XIX, México  
D 3,7 cm, 22 g  
MAH 20101835

17.

**8 Reales**

Prata batida  
Séc. XVI / XVII  
Espanha  
A 3,7 x l. 3,5 cm, 38 g  
MAH 20101846

18.

**3 Reis**

Cobre batido  
Séc. XVII, Portugal  
D 3 cm, 6 g  
MAH 192007358

19.

**1 Real**

Prata batida  
1742, Índia ocidental  
C 2 x l. 1,7 cm  
MAH 192008881



20.



21.

22.



23.



24.

20.

**Tostão**

Prata batida  
Séc. XVI, Portugal  
D 3 cm, 7 g  
MAH 192009171

21.

**Meio Tostão**

Prata batida  
Séc. XVI, Portugal  
D 2,3 cm, 6 g  
MAH 192009176

23.

**Tostão**

Prata batida  
Séc. XVI, Portugal  
A 3,1 x C 2,9 cm, 8 g  
MAH 19201112

23.

**Meio Pardau**

Prata batida  
1775, Índia portuguesa  
D 1,4 cm, 3 g  
MAH 19201118

24.

**Tostão**

Prata batida  
1682, Portugal (Angra)  
D 2,1 cm, 1 g  
MAH 1920091202

## Contador (Vargueño)

(fechado)

Séc. XVII, Espanha

A 50 x C: 100 x l. 40 cm

MAH R1996320

Verdadeiro antepassado dos computadores actuais, o contador terá começado por ser um pequeno guarda-jóias e valores, fácil de transportar.

Tornou-se, durante o século XVI, numa caixa maior, transportável ainda, mas com mais gavetas e de várias dimensões, com fecho de segurança, onde se podiam arrumar, de modo organizado, consoante os negócios e os protagonistas, documentos, dinheiro e "contos de contar".

Considerando que os seus donos podiam viajar em negócios de vários meses, tornou-se um móvel de grande valia.

Para melhor perceber a vantagem do uso do contador, recorde-se que, tanto quanto se sabe actualmente, os portugueses do século XVI ainda contavam à rorhana, sem zero, com o auxílio do ábaco.

O uso de "contos de contar", pequenas rodelas de metal em forma de moeda, permitia contabilizar as quantias em dívida, separando-as por gavetas consoante o negócio.

Com a expansão portuguesa e ibérica, o contador passou depois a móvel de aparato e ostentação em salas, perdendo muita da mobilidade, mas mantendo a valia como organizador das contas e da contabilidade dos seus donos.



FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

SALA DO CAPITULADO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO





FACES  
MOEDA

# CUNHADA

[CUNHAGEM MECÂNICA]



# CUNHADA

(CUNHAGEM MECÂNICA)

**Medalha**  
**Comemorativa**  
Brnze  
Séc. XIX, Brasil  
D 5,8 cm, 184 g  
"D. PEDRO SEGUNDO  
IMPERADOR DO BRAZIL"  
"A AUGUSTA VIZIA  
IMPERIAL A CAZA DA  
MORDA, TRABALHANDO  
PELA PRIMEIRA VEZ A  
NOVA MÁQUINA DE  
CUNHAR A 5 DE  
DEZEMBRO DE 1855"  
MNH F2007369

Reproduz um balancó para  
cunhagem mecânica,  
funcionando neste caso já  
a vapor.

Moeda obtida pelo uso de duas peças de ferro ou aço, onde estão esculpidas as figurações que lhe darão forma e aspecto. O processo executa-se com o auxílio de um balance, poca muitas vezes de grandes dimensões, que faz descer um lado do cunho sobre uma base onde se encontra o outro lado, gravando ambas as faces ao mesmo tempo, por forte pressão. O sistema mecânico permite muito maior precisão e mais perfeita relação entre as duas faces.

A cunhagem mecânica de moeda foi introduzida em Portugal, em 1677, no reinado de D. Pedro II.



**FACES**  
**DE**  
**MOEDA**

16 junho  
16 outubro  
~ 2011 ~

MUSEU DE ARTE E HISTÓRIA DO BRASIL

01.



06.



**01. 10 Reis**  
Cobre cunhado  
1901, Portugal  
D 3 cm, 8 g  
MAH 20101007

**02. 5 Reis**  
Cobre cunhado  
1901, Portugal  
D 2,4 cm, 4 g  
MAH 20101008

02.



07.



**03. 5 Reis/  
Pecunia Insulana**  
Cobre cunhado  
1750, Portugal  
D 3 cm, 4 g  
MAH 20101147

**04. 10 Reis/  
Pecunia Insulana**  
Cobre cunhado  
1750, Portugal  
D 3,4 cm, 8 g  
MAH 20101152

03.



08.



**05. 10 Reis**  
Cobre cunhado  
1830, Londres  
D 3,3 cm, 10 g  
MAH 20101160

**06. 10 Reis**  
Cobre cunhado  
1865, Portugal  
D 3 cm, 4 g  
MAH 20101169

04.



09.



**07. 10 Reis**  
Cobre cunhado  
1795, Portugal  
D 2,9 cm, 2 g  
MAH 20101213

**08. 10 Reis**  
Cobre cunhado  
1852, Portugal  
D 3,3 cm, 12 g  
MAH 20101290

05.



10.



**09. 20 Reis**  
Cobre cunhado  
1795, Portugal  
D 3,5 cm, 10 g  
MAH 20101177

**10. 20 Reis**  
Cobre cunhado  
1843, Portugal  
D 3,5 cm, 12 g  
MAH 20101201

PECUNIA INSULANA

N.º 224

1750 – SETEMBRO – 2

Por despacho de quinze de Agosto deste presente anno foi Vossa Magestade servido ordenar-me que na Caza da moeda se lavrassem trinta mil cruzados em dinheiro de cobre, com alguma distincção para que ficasse servindo para moeda Provincial, para o comercio da Ilha da madeira e das mais adjacentes; e isto pela mesma forma que se havia praticado com a moeda que ultimamente se cunhou para o Maranhão, e que ouvindo eu os officiaes competentes, desse conta no Conselho com toda a individuação; remetendo os padrões por onde se ouvesse de fazer o dito dinheiro, para effeito de se rematar no Conselho a quantidade de cobre que respectivamente for preciso, para o lavramento da referida quantia. He necessário que Vossa Magestade seja servido eleger hum dos debuxos inclusos, os quaes foraõ feitos pelos abridores António Mengin, e Bernardo Jorge, e Amaro Marques; de todos o que parece mais próprio he o que vai marcado com duas linhas marginaes; a distincção ou d'ivisa deve ser na legenda, de sorte qu em lugar da legenda do dinheiro do Maranhão, a qual diz PECUNIA TOTUM CIRCUIT ORBEM, esta agora deve dizer, PECUNIA INSULANA. Vossa Magestade ordena que este dinheiro seja deminuto no pezo como foi o do Maranhão, porem esta diminuição parece que he menos praticável com o dinheiro que ouver de correr nas Ilhas; porque como nestas he livre o comercio dos estrangeiros, fica evidente o perigo da introdução, a qual se manifesta pela razão de que havendo de passar nas Ilhas por hum vintém a mesma moeda, que neste reino não val senão dez reis, seguese que os estrangeiros o hande introduzir nas Ilhas já feito; porque levam certo o lucro de cento por cento; e nesta forma, para obviar aquelle damno, parece que deve Vossa Magestade ser servido mandar, que de cada arratel de cobre se faça trezentos e sessenta reis divididos em moedas de dez, sinco e três reis, seguindo-se a mesma norma que se observa no dinheiro de cobre, que se lava para este reino, e havendo de ser assim vão os pedro?s inclusos; e não havendo de ser seraõ com o pezo deminuto, também vão outros padrões para o mesmo effeito. O fiel da caza da moeda, e os mais officiaes a quem ouvi, todos concordaõ no inconveniente que fica ponderado: Vossa magestade mandará o que for servido. Lisboa 2 de Setembro de 1750. — Mathias Ayres Ramos da Silva



11. **300 Reis**  
 Prata cunhada  
 1796, Portugal  
 D 2,9 cm, 8 g  
 MAH 20101350

12. **150 Reis**  
 Prata cunhada  
 1794, Portugal  
 D 2,4 cm, 4 g  
 MAH 20101378

13. **320 Reis**  
 Prata cunhada  
 1775, Portugal  
 D 3,1 cm, 8 g  
 Cunhada em  
 Lisboa para o  
 Brasil  
 MAH 20101381

FACES  
 MOEDA

16 junho  
 16 outubro  
 - 2011 -

SALA DO CAPITULO  
 MUSEU DE ANDRÉ DO HERÓLIMO



14.



15.



16.



17.



18.

14. **20 Reis**  
Cobre cunhado  
1852, Portugal  
D 3,5 cm, 12 g  
MHF 20101385

15. **5 Reis**  
Cobre cunhado  
1798, Portugal  
D 2,5 cm, 4 g  
MHF 20101402

16. **5 Reis**  
Prata cunhada  
1890, Portugal  
D 2,4 cm, 4 g  
MHF 20101410

17. **10 Reales**  
Prata cunhada  
1854, España  
D 3 cm, 12 g  
MHF 20101776

18. **4 Reales**  
Prata cunhada  
1761, España  
D 2,3 cm, 14 g  
MHF 20101785

19. **8 Reales**  
Prata cunhada  
1710, México colonial  
D 3,9 cm, 27 g  
MHF 20101804

20. **8 Reales**  
Prata cunhada  
1821, Perú  
D 3,9 cm, 27 g  
MHF 20101801



19.



20.



21.



22.



**21. 8 Reales**  
Prata cunhada  
1793, Peru colonial  
D 4 cm, 26 g  
MAH 20101807

**22. 8 Reales**  
Prata cunhada  
1825, Bolívia colonial  
D 3,8 cm, 27 g  
MAH 20101844

**23. 1 Peseta**  
Prata cunhada  
1863, Espanha  
D 2,3 cm, 5 g  
MAH 20101781

**24. 75 Reis**  
Prata cunhada  
1795, Portugal  
D 1,8 cm, 1 g  
MAH 20101372



23.



24.





FACES  
MOEDA

FUNDIDA



# FUNDIDA

## ORDEM de 7 de Maio de 1829

A Junta Provisória, Encarregada de Manter a Legítima Autoridade da Rainha e Senhora Dona Maria Segunda e da Carta Constitucional, outorgada pelo Senhor Dom Pedro 4º Manda declarar à Junta da Fazenda Pública d'esta Provincia, que tendo-se felizmente conseguido o melhor resultado dos trabalhos da Casa da Moeda, se acha já fabricada hũa não pequena porção de dinheiro de Bronze, em moedas de oitenta reis, o qual vai ser entregue na Thesouraria Geral, para entrar em giro: pelo que a referida Junta ficando-o assim entendendo, receberá toda e qualquer quantia, que do sobredito estabelecimento lhe for enviada com guia assignada pelo Provedor Theodorico d'Omellas Bruges Avilla, e procederá a todos os assentamentos precizos. Secretaria da Rep.<sup>ta</sup> da Fazenda em Angra 7 de Mayo da 1829. – Pedro Homem da Costa Noronha.

Moeda obtida pelo processo de fundição do metal, normalmente com o auxílio de caixas de areia de fundição, onde se encontra moldado o negativo da moeda. A liga metálica em fusão é despejada e deixada arrefecer. O acabamento nos bordos ou eventuais defeitos são retrados, depots, com o auxílio de limas.

Em Portugal, são muito raras as moedas fundidas, sendo as mais célebres as realizadas em 1829, por ocasião da guerra civil que opôs liberais, partidários de D. Maria II, e absolutistas, partidários de D. Miguel. Foram feitas na ilha Terceira e ganharam o nome popular de "Malucos". Indicam 80 Reis, mas chegaram a correr valendo 100.



01.



02.

01. 80 Reis/Maluco  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4 cm, 25 g  
MAN 20101.001

02. 80 Reis/Maluco  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,2 cm, 28 g  
MAN 20101.002

FAÇAS  
DE  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
~ 2011 ~

MUSEU DE ARCHA DO TERRAÇO





03.



04.



05.



06.



07.



08.



**03.** **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 27 g  
MAH 20101855

**04.** **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 40 g  
MAH 20101856

**05.** **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 34 g  
MAH 20101857

**06.** **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 28 g  
MAH 20101858

**07.** **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,2 cm, 27 g  
MAH 20101859

**08.** **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,4 cm, 45 g  
MAH 20101860

DECRETO,

(N.º 10.)

**T**endo a Junta Provincial, que, em Nome da Rainha D. MARIA II., governa esta Ilha, auctoridade regular, e posto em consideração huma outra moeda de bronze que a facção de alguns reis, e valor de seis reis cada moeda, e exigido a boa II. e a Justiça, que nos possibillares d'esta moeda se lhe trouxa garantia e segurança do valor legal d'ella, em quanto o estado da Fazenda Publica não permittir que seja trocada por moeda de ouro ou prata legal, que existirem no principio do Meseiro no pagamento ou outro das transacções de negocio sobre: A Requesta, em Nome da Rainha, Ha por bem approvar, e mandar executar, e executar de sobredito moeda de bronze cofinhada pela Junta Provincial, e Rainha, em Nome da Rainha Augusta Rainha, que tanto se trocava de tempo em tempo na Casa da Moeda estabelecida n'esta Cidade, como se que foram custodidos d'agora em diante, seja trocadas e trocadas como moeda de Rainha que seja, e não possa ser rejeitadas, alteradas, nem destruidas, destruidas, se que o contrario fizerem, e auctoridade regular das Ordens e a Lei da Rainha. E auctoridade de auctoridade regular de trocadas, que esta Ilha se acha, Maria II. Rainha, em Nome da Rainha, que os pagamentos possam ser feitos na dita moeda de bronze, ou em moeda de cobre, em todo ou em parte, a arbitrio das autoridades, sem prejuizo das Ordens e a Lei, que tanto se trocava, que as pessoas possam ser obrigadas a receber em moeda de cobre, o Meseiro e beneficiarios d'Estado e toda outra entidade, e sem prejuizo, Palaeo do Governo em Agre cinco d'Alcei de mil e setenta e trinta. — Marquês de Palmella. — Conde de Villa-Vieja. — José Antonio Gouveia.

*Lei da Ilha Municipal de Alagoas.*

Na Imprensa Nacional.

### Collecção de Decretos e Regulamentos

publicados durante o Governo da Regência do Reino  
Estabelecida na Ilha Terceira, Lisboa  
na Imprensa Nacional 1833

FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

SALA DO CASTELO  
MUSEU DE ANIMA DO HERÓICO

24 \* 25



09.



10.



11.



12.



09. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4 cm, 33 g  
MH 20101880

10. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,2 cm, 25 g  
MH 20101885

11. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,2 cm, 29 g  
MH 20101892

12. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,3 cm, 35 g  
MH 20101893



13.



17.



14.



18.



15.



19.



16.



13. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4 cm, 23 g  
MMH 20101895

16. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 26 g  
MMH 20101917

18. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4 cm, 29 g  
MMH 20101920

14. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 30 g  
MMH 20101897

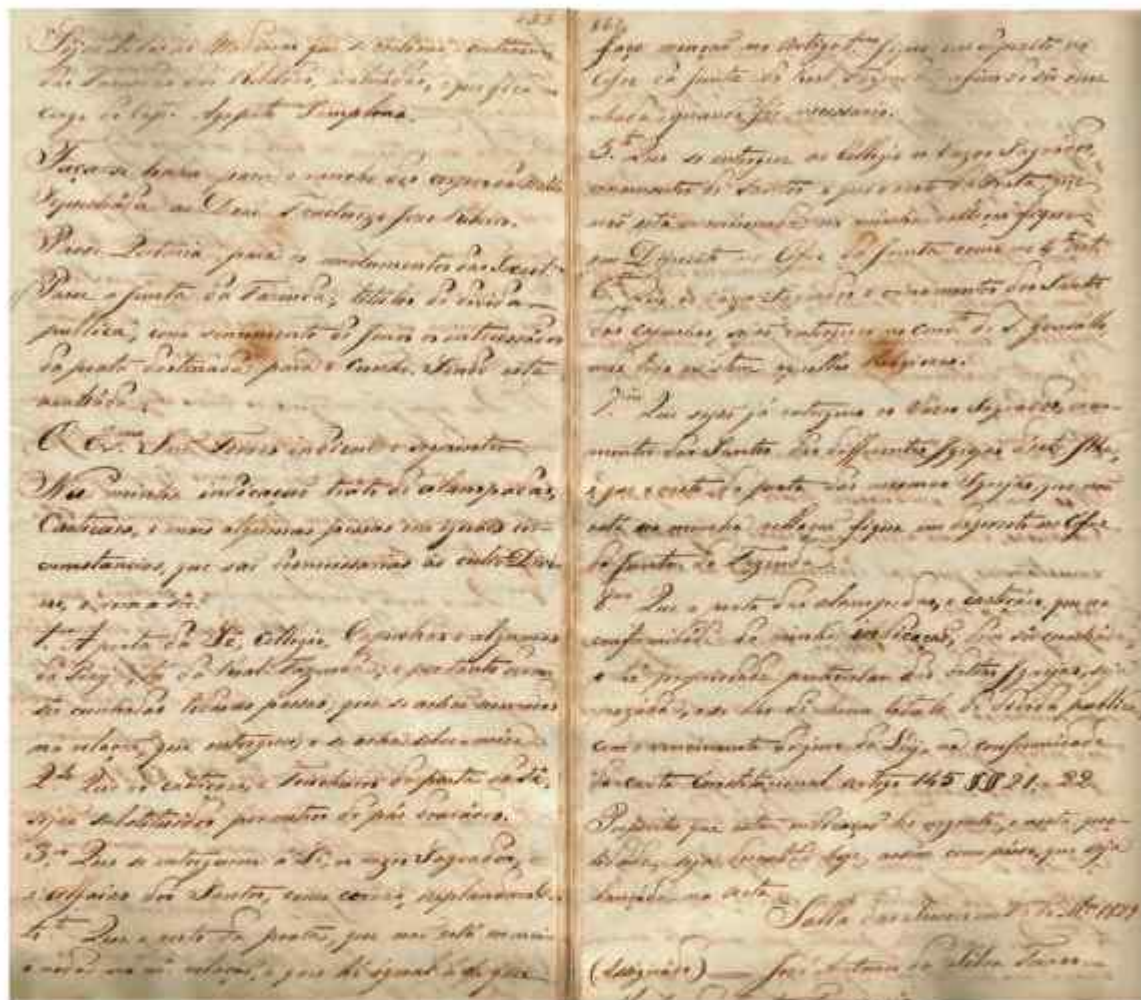
17. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4 cm, 28 g  
MMH 20101918

19. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4 cm, 24 g  
MMH 20101927

15. **80 Reis/Maluco**  
Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 26 g  
MMH 20101913

**Livro de Actas  
do Governo Interino**  
1829, pp. 159 e 160  
BPARAH

Sessão de 26 de Março de  
1829, onde se registam as  
decisões do Governo Interino  
quanto da prata das igrejas,  
sob proposta de José António  
da Silva Torres.



**FACES  
MOEDA**

**16 junho  
16 outubro  
- 2011 -**

SALA DO CASTELO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



201

20

**80 Reis/Maluco**

Bronze fundido  
1829, Portugal  
D 4,1 cm, 22 g  
MAH 20101930



FACES  
MOEDA

# CARIMBADA



# CARIMBADA



Moeda que, depois de haver entrado em circulação, sofre um funcionamento parcial, levado a efeito com um carimbo ou punção. Antigamente, dizia-se, por vezes, *sellada*, entendendo-se por *sello* a marca assim feita. O carimbo altera o valor inicial de uma moeda ou dá curso legal a ela em território diferente e pode ser aplicado segundo certas regras ou mais livremente sobre a superfície da moeda.

Nos Açores, correram moedas carimbadas em diversas épocas, sobretudo nos séculos XVI e XIX, todas por processo manual, dando origem a inúmeras variações do resultado.



01.



01.

**1200 Reis**

Prata  
1887, Portugal  
Sobre 8 Reales do México  
Carimbo G.P.  
D 3,8 cm, 27 g  
MHF 20101021

FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
~ 2011 ~

TERÇA DO CASTELO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO

**DECRETO-LEI de 14 de Junho de 1871**

(Excerto)

(Carimbo coroa)

Art.º - 1.º As patacas brasileiras de novo cunho do valor nominal de 2\$000 réis e do peso inferior a 7 1/2 oitavas que correm por 1\$200 réis no districto de Angra do Heroísmo, bem como as moedas em que as mesmas patacas se subdividem de 1\$000 réis, 500 réis e 200 réis, deverão ser apresentadas dentro do prazo de 15 dias da publicação ali do presente decreto, a fim de serem carimbadas.



01.



02.



05.



03.



06.

**02.** **1200 Reis**  
Prata  
1887, Portugal  
Sobre 1 Rei de França  
Carimbo G.P.  
D 4,1 cm, 29g  
MAH 20101622

**03.** **1200 Reis**  
Prata  
1887, Portugal  
Sobre 5 Liras de Itália  
Carimbo G.P.  
D 3,7 cm, 25 g  
MAH 20101621

**04.** **1200 Reis**  
Prata  
1887, Portugal  
Sobre 2000 Reis do  
Império do Brasil  
Carimbo G.P.  
D 3,7 cm, 25 g  
MAH 20101626

**05.** **1200 Reis**  
Prata  
1887, Portugal  
Sobre 960 Reis do  
Brasil colonial  
Carimbos G.P.,  
Coroa e escudete  
D 4,2 cm, 25 g  
MAH 20101632

**06.** **1200 Reis**  
Prata  
1887, Portugal  
Sobre 960 Reis do  
Brasil colonial  
Carimbo G.P.  
D 4,2 cm, 27 g  
MAH 20101633

LEI de 31 de Março de 1887  
(Excerto)

(Carimbo GP corado)

Achando-se prohibida, por decreto de 4 do corrente, a importação nos districtos de Angra do Heroísmo e Ponta Delgada, das moedas estrangeiras de prata que ali têm curso autorisado, e convido evitar que a introdução clandestina de taes moedas vá agravar a situação monetária d'aqueles districtos: hei por bem determinar o seguinte, enquanto o parlamento não resolve acerca das providências a tomar sobre o assumpto:

Arto 1. - As moedas de prata estrangeiras que têm curso autorizado nos districtos de Angra, Horta e Ponta Delgada deverão ser apresentadas dentro do prazo de 30 dias, contados da publicação do presente decreto nos mesmos districtos, para serem carimbadas.



10.



11.



12.



07.



08.



09.

07.

**1200 Reis**

Prata  
1887, Portugal  
Sobre Thaler da  
Austria  
Carimbo G.P.  
D 4 cm, 28 g  
MAH 20101638

10.

**60 Reis**

Prata  
1642, Portugal  
Carimbo 60 sobre  
meio tostão de  
D. Filipe III  
A 2,1 x C 2 cm, 4 g  
MAH H201114

08.

**320 Reis**

Prata  
1871  
Sobre 320 Reis do  
Brasil colonial  
Duplo carimbo  
de Coroa  
D 3,1 cm, 9 g  
MAH 20101662

11.

**50 Reis**

Prata  
1642, Portugal  
Carimbo 50 c/coroa  
sobre 40 reis de  
D. João III  
D 1,9 cm, 1 g  
MAH H201115

09.

**600 Reis**

Prata  
1887, Portugal  
Sobre 400 Reis de  
D. João VI  
Carimbo G.P.  
D 3,5 cm, 14 g  
MAH 20101667

12.

**60 Reis**

Prata  
1642, Portugal  
Carimbo 60 sobre  
meio tostão  
D 2,2 cm, 3 g  
MAH H201116

FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

SALA DO CASTELHO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO





13.



14.



15.



16.

13. **10 Reais**  
Cobre batido  
1582, Portugal  
Carimbo Açor e M  
D 3,8 cm, 16 g  
MAH 20101194

14. **3 Reais**  
Cobre batido  
1887, Portugal  
Carimbo Açor  
D 2,7 cm, 4 g  
MAH 20101195

15. **10 Reais**  
Cobre batido  
1887, Portugal  
Carimbo G.P.  
D 3 cm, 6 g  
MAH 20101201

16. **10 Reais**  
Cobre batido  
1871, Portugal  
Sobre 5 Reais de 1796  
Carimbo G.P.  
D 3,6 cm, 4 g  
MAH 20101205

17. **600 Reais**  
Prata batida  
1871, Portugal  
Sobre 1000 Reais  
do Brasil  
Carimbo Curca  
D 3 cm, 12 g  
MAH 20101204

18. **300 Reais**  
Prata batida  
1887, Portugal  
Sobre 300 Reais do  
Brasil colonial  
Carimbo G.P.  
e escudeiro  
D 3,1 cm, 8 g  
MAH 20101206



17.



18.

## CARIMBADA



18.



22.



20.



19.

18.

### Tostão

Prata batida  
1871, Portugal  
Carimbo Coroa  
D 2,4 cm, 2 g  
MAH 20101267

20.

### 50 Reais/Meio Tostão

Prata batida  
1582  
Sobre vintém de D. Manuel II  
Carimbo Açor  
D 1,8 cm, 1 g  
MAH 20101271

21.

### 200 Reais/2 Tostões

Prata batida  
1582  
Sobre tostão de D. Manuel I  
Carimbo Açor  
D 2,8 cm, 10 g  
MAH 20101274

22.

### 50 Reais/Meio Tostão

Prata batida  
1582  
Sobre vintém de D. Manuel I  
Carimbo Açor  
D 1,9 cm, 1 g  
MAH 20101275

23.

### 10 Reais/Patacão

Cobre batido  
1582, Portugal  
Sobre 10 reais de  
D. João III  
Carimbo Açor  
D 2,6 cm, 14 g  
MAH 20101291

24.

### 40 Reais/Patacão

Cobre cunhado  
1871, Portugal  
Carimbo Coroa e M  
D 3,5 cm, 36 g  
MAH 20101435

25.

### 40 Reais

Cobre cunhado  
1887, Portugal  
Sobre 20 Reais da Madeira  
Carimbo C.P.  
D 3,7 cm, 24 g  
MAH 20101437



22.



20.



22.

FACES  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

SALA DO CASTELO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



26.



29.



27.



30.



28.



31.



32.

26.

#### 200 Reis

Prata cunhada  
1887, Portugal  
Sobre 6 vinténs  
de D. Pedro II  
Carimbo G.P.  
e escudete  
D 2,4 cm, 4 g  
MAH 20101458

27.

#### 200 Reis

Prata batida  
1887, Portugal  
Sobre 80 reis de  
D. João III  
Carimbo G.P., 100  
e 120  
D 2,3 cm, 3 g  
MAH 20101471

28.

#### 200 Reis

Prata batida  
1887, Portugal  
Sobre tasilho de  
D. Afonso VI  
Carimbo G.P.  
D 2,3 cm, 4 g  
MAH 20101475

29.

#### 200 Reis

Prata cunhada  
1887, Portugal  
Sobre tasilho  
de D. João VI  
Carimbo G.P.  
D 2,2 cm, 3 g  
MAH 20101520

30.

#### 600 Reis

Prata cunhada  
1887, Portugal  
Sobre 2 Marcos  
da Alcazarria  
Carimbo G.P.  
D 2,8 cm, 11 g  
MAH 20101532

31.

#### 300 Reis

Prata cunhada  
1887, Portugal  
Sobre 2 Reales  
de Espanha  
Carimbo G.P.  
D 2,5 cm, 4 g  
MAH 20101548

32.

#### 300 Reis

Prata cunhada  
1887, Portugal  
Sobre 2 Reales  
de Espanha  
Carimbo G.P.  
D 2,5 cm, 6 g  
MAH 20101529



#### Separador/Régua

Madeira de pinho resinoso  
séc: XIX, Angra do Heroísmo  
A 5,7 x C 40,5 x L 0,9 cm  
MAH R2008870

Pertenceu à antiga Casa da Moeda, que funcionou na Fortaleza de S. João Baptista, em Angra. Servia para organizar e separar as moedas, durante o processo de fabrico.

# CARIMBADA



## Punção "Coroa"

Ag7

Séc. XIX, Portugal

A 9,4 x C 1 x L 1 cm, 70 g  
MAH F2006878

Pertencente à antiga Casa da Moeda, que funcionava na Fortaleza de S. João Baptista, em Angra. Servia para marcar, por batimento, os cunhos autênticos de moeda ou moedas.



33.



34.



35.



36.

33. **1200 Reis**  
Prata cunhada  
1887, Portugal  
Sobre 1 Florin  
de lãda inglesa  
Carimbo G.P.  
D 3 cm, 12 g  
MAH 20101580

34. **1200 Reis**  
Prata cunhada  
1897, Portugal  
Sobre 2 Peetas  
de Espanha  
Carimbo G.P.  
D 3,7 cm, 20 g  
MAH 20101580

35. **1200 Reis**  
Prata cunhada  
1897, Portugal  
Sobre 2 Reales de  
Espanha  
Carimbo G.P. e coradete  
D 3,8 cm, 27 g  
MAH 20101587

36. **1200 Reis**  
Prata cunhada  
1887, Portugal  
Sobre 1 1/2 Florins  
de Holanda  
Carimbo G.P.  
D 3,8 cm, 26g  
MAH 20101619

FACES  
DA  
MOEDA

16 junho  
16 outubro  
- 2011 -

ISLA DO CASTELO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO

  
**BATIDA**  
PILSNER BEER  
\* página 69 \*

  
**CINHADA**  
PILSNER BEER  
\* página 15 \*

  
**FUNDADA**  
PILSNER BEER  
\* página 21 \*

  
**CARIMBADA**  
PILSNER BEER  
\* página 27 \*

# FACES MOEDA

16 junho ~ 16 outubro ~ 2011

SALA DO CAPÍTULO MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO

© Os textos, fotografias e outros elementos contidos nesta publicação estão protegidos pela lei, ao abrigo do Código dos Direitos de Autor e direitos conexos. É interdita a cópia, reprodução, difusão e utilização comercial das imagens sem autorização expressa dos proprietários, com exceção do direito de citações definido na lei.







# FACES MOEDA

16 junho ~ 16 outubro ~ 2011

SALA DO CAPÍTULO  
MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



Governo dos Açores

PRÉ-SIÊNCIA DO GOVERNO  
Direção Regional da Cultura

Museu de Angra do Heroísmo

**MAH**



9 789899 539389



